

A POESIA NA INTERNET: SUPERAÇÃO DA DECADÊNCIA OU UMA ILUSÃO PERDIDA?

Maria Carolina Nunes Gobbo

RESUMO

Este artigo propõe um olhar crítico sobre a produção de arte no meio digital com enfoque especial na produção poética nas redes sociais. A análise crítica tem como base a perspectiva teórica do materialismo dialético a partir da abordagem do crítico literário György Lukács e traça um paralelo entre a atual conjuntura da produção poética e o cenário literário apresentado na obra *Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac. Ressalta-se como a trajetória do personagem Lucien Chardon e seus dilemas se relaciona com o desenvolvimento da carreira dos jovens poetas advindos das redes sociais. O objetivo proposto é observar a duplicidade entre o meio libertador da produção literária no ambiente digital e a instauração de um sistema de submissão poética às demandas mercadológicas.

PALAVRAS-CHAVE

produção poética; redes sociais; *Ilusões Perdidas*; demandas mercadológicas

ABSTRACT

This article propose a critical look at the art production in the digital media focusing on the poetic production in social media. The analysis is based on the perspective of dialectical materialism perpassing Gyorgy Lukacs's approach and it traces a parallel between the current conjuncture of poetic production and the literary scenario presented in the book *Ilusões Perdidas*, from Honoré de Balzac. Moreover, the article highlights that Lucien Chardon's path and his dilemmas are related to the development of young poets carrer, raised by social media. The goal is to observe the duplicity between the emancipated environment of the literary production in digital media and the establishment of a system of submission to the marketing demands.

KEY WORDS

poetic production; social media; *Ilusões Perdidas*; marketing demands

I. Introdução

O século XXI trouxe consigo uma nova revolução, a chamada Revolução Digital. A partir de tal revolução surge uma reinvenção de noções de barreiras físicas, de distância,

de reprodutibilidade, de relações sociais. Consequentemente uma nova sociedade se forma e aliada a ela uma ideologia libertadora, proporcionada pela Internet.

A Internet e as redes sociais foram pontos cruciais na transformação da concepção da relação humana com a arte, pois o meio digital proporcionou mais ferramentas para produções artísticas e maior efervescência dos chamados criadores de conteúdo. Entretanto, apesar do advento de tal meio ter revolucionado a sociedade em diversas áreas, percebe-se uma repetição de padrões. Um sistema historicamente instaurado e regulado pelo mercado se insere nas mídias digitais e dessa forma os criadores de conteúdo submetem o ambiente libertador ao status de mercadoria. Um dilema é colocado: a nova arte oriunda da Internet também se submete ao controle de mercado ou reforça seu poder de construção de um mundo próprio que reflete, de modo intensivo, a totalidade extensiva da vida contemporânea?

O crítico teórico húngaro György Lukács trabalha com a questão da liberdade da arte no capítulo *Arte livre ou Arte dirigida*, do livro *Marxismo e Teoria da literatura* (1885) e surge a abordagem do que é considerado arte libertadora, o que permeia não somente a noção artística, mas a concepção da própria realidade social.

Para além das fronteiras da arte e da ideologia artística, os fatos e as formas de vida que desempenham aqui um papel determinante – e, por consequência, as noções que exprimem esses fatos – sofreram ao longo da história uma evolução que modificou profundamente sua qualidade e sua estrutura. E isso é verdade, em primeiro lugar, para a própria noção de liberdade. (LUKÁCS, 1947, p. 268)

A partir de um posicionamento que trata da concepção de arte inserida em um contexto complexo da estrutura social, o presente trabalho visa observar de que forma a literatura advinda das redes sociais, em especial a poesia, se manifesta e em quais níveis há a sua submissão a uma imposição mercadológica que tolhe a expressão a um sistema capitalista falseado pela ideia de liberdade digital. Como base teórica, o materialismo dialético em sua vertente estética se mostra preciso e diversos paralelos da realidade social e artística atual podem ser traçados com obras literárias que refletem tal submissão existente desde o início do relacionamento entre arte e mercado.

A obra literária do escritor francês Honoré de Balzac, *Ilusões Perdidas*, tem como foco principal a jornada de um jovem poeta chamado Lucien Chardon e sua busca pela ascensão de sua poesia e de seu status social. Partindo da apresentação do ambiente de divulgação artística e jornalística presente na obra, é possível traçar um paralelo entre esse contexto e o das mídias digitais, e perceber como a trajetória de Lucien se relaciona

intimamente com a submissão da literatura da Internet ao nível de mercadoria e dos poetas à elevação de status nas redes sociais. A obra balzaquiana se interliga com tal conjuntura contemporânea promovida pela junção do capitalismo com a Internet. Portanto, o presente trabalho, para lançar um olhar crítico sobre a criação poética nas redes, se utiliza desse paralelo conjuntamente à perspectiva materialista dialética de György Lukács.

A literatura advinda do meio digital e das redes sociais promove uma dualidade entre liberdade e controle mercadológico. Por conseguinte, percebe-se um contraste entre um aspecto de autonomia e de ideologia capitalista. Se faz necessário observar se há transcendência das imposições ideologizantes ou se a submissão artística impede a construção de um produto de expressão própria. O trabalho em questão toma tal ponto como direcionamento para uma análise crítica da atual conjuntura literária nos meios digitais.

II. Um olhar sobre o Capitalismo

A realidade construída como conhecemos é fruto de um processo histórico-social permeado de contradições, embates e lutas de interesses. E para se observar a atualidade e seus dilemas, é preciso relacioná-los ao indissociável componente de sua transformação: o homem. A transformação bidirecional entre o homem e o mundo que o rodeia é o elemento norteador e a base de um contexto construído com o passar dos séculos e em constante mudança. Portanto, a contemporaneidade não pode ser estudada de forma estanque, sem serem estabelecidas conexões com as transformações homem/mundo e mundo/homem.

A sociedade complexa atual, como fruto de tais transformações, muda a concepção de poderes e novas hierarquias são formadas. A construção humana do século XXI é mediada por um elemento central: o mercado. Tanto as macro quanto as microrrealidades se sustentam pela acumulação de capital e pela regulação de mercado. Entretanto, essa realidade que naturalizamos em nosso cotidiano não foi sempre existente. Historiador e crítico da economia clássica, Karl Marx foi um dos grandes estudiosos de como tal concepção mercadológica se instaurou e não somente observou os aspectos econômicos do sistema como o componente humano e social nesse contexto. Dentre os diversos conceitos cunhados por ele, vale ressaltar a necessidade de uma observação de que essa concepção é fruto da chamada decadência ideológica da burguesia. De acordo

com ele, é a partir de tal decadência que se instaura o sistema de luta de classes, movimentador do cenário histórico e que

(...) dobrou finados pela ciência econômica burguesa. Agora não se trata mais de saber se este ou aquele teorema é verdadeiro, mas sim se é útil ou prejudicial ao capital, cômodo ou incômodo, contrário aos regulamentos da polícia ou não. Em lugar da pesquisa desinteressada, temos a atividade de espadachins assalariados; em lugar de uma análise científica despida de preconceitos, a má consciência e a premeditação da apologética. (MARX, 1858)

O capital, portanto, se torna o principal elemento que dita as transformações da sociedade burguesa e que retira do homem seu poder de mudança. Os ideais revolucionários de uma classe que finalmente atinge o poder são renegados em prol da manutenção do status de classe dominante e, com isso, decaem-se os interesses da democracia. Intensifica-se o sistema de submissão mercadológica por meio da decadência ideológica da burguesia, classe que de acordo com Marx enfim percebe que “todas as armas que havia forjado contra o feudalismo voltavam-se agora contra ela”.

Pensar no controle do mercado sob as transformações sociais e sob a luta de classes é crucial para se observar criticamente a realidade vivida hoje, pois ela é reflexo desse complexo sistema que atinge todas as camadas da sociedade. Entretanto, além de perceber os interesses mercadológicos submersos na vida social, é preciso ultrapassar uma visão apenas observadora. O sistema instalado converge a população para dois estados estanques: a passividade e completa submissão às demandas capitalistas mascaradas por opções próprias ou o fatalismo diante da percepção de tal submissão. Para se realizar uma análise crítica mais profunda, deve-se superar os dois estados e recolocar a ação humana como a transformadora da construção social. A submissão instala a cegueira diante dos controles mercadológicos e o fatalismo retira do homem seu poder revolucionário e sublinha a ideia de inatividade em face do sistema. A superação de ambos direcionamentos é o desafio do crítico e, de acordo com a vertente estética do materialismo dialético, cunhada por György Lukács, da literatura.

De acordo com Lukács, a arte, e mais precisamente a literatura, tem o poder de ultrapassar as barreiras da submissão mercadológica e do fatalismo diante da realidade. Para isso, o escritor deve conhecer intimamente o homem e refletir seus contrastes e dilemas sem retirar dele seu poder transformador. É essencial a capacidade de transcender os limites da superficialidade para se chegar ao chamado triunfo do realismo na literatura. A literatura realista é capaz de emergir das primeiras camadas da vida social e mostrar as

potencialidades humanas em sua riqueza interior e em seus dilemas pessoais. Porém, deve-se entender como o processo mercadológico se manifesta.

Não é possível que o homem supere em si mesmo os traços da decadência sem conhecer e compreender as mais profundas estruturas da vida, sem quebrar a casca superficial que, no capitalismo, recobre as ligações mais ocultas e a mais oculta unidade contraditória; aquela casca que a ideologia da decadência mumifica e vende como algo definitivo. A profundidade da intuição estética, da aproximação realista à realidade, é sempre constituída – qualquer que seja a concepção do mundo formulada pelo escritor no nível conceitual – pelo impulso a nada aceitar como resultado morto e acabado e a dissolver o mundo humano numa viva ação recíproca dos próprios homens. (LUKÁCS, 1938, p.81)

O conhecimento do sistema e a sensibilidade para reconhecer a potencialidade da ação humana são os elementos principais da construção da literatura realista. Portanto, a arte pode atuar como uma saída do veio ideológico imposto pelo sistema. Na realidade advinda da Revolução Digital, o desafio da criação de uma literatura realista encontra espaço na concepção da Internet como um meio da liberdade, das possibilidades, da abertura de oportunidades. Apesar de o ambiente de produção artística ter sido renovado e virtualizado, é necessário observar o mantimento do sistema capitalista, que encontra novas faces para autorregulação. Portanto, apesar da Revolução Digital ter surgido como modeladora de novas formas de produção literária, o mercado continua a ser o elemento que rege a vida social e que se implementa no meio virtual. O desafio se mantém o mesmo: a literatura deve transcender a submissão ao mercado agora inserido nas mídias digitais. É preciso um olhar crítico sobre a realidade atual e um conhecimento íntimo de como ela se constrói para compreender se a literatura advinda da Internet possui potencialidades realmente libertadoras não somente no quesito de democratização do acesso, como proposto, como também no quesito das imposições de mercado.

Para embasar esse olhar crítico, estuda-se a obra balzaquiana *Ilusões Perdidas*, que tem como personagem principal Lucien Chardon, um poeta que em sua trajetória manifesta a submissão às demandas de mercado em detrimento de uma arte livre do controle capitalista e que reflete as potencialidades humanas em seu cerne. A sedução do mercado o leva a um caminho no qual sua produção artística é totalmente submetida ao determinado pela sociedade burguesa parisiense. O caminho do personagem e sua busca pelo sucesso têm correlação com o contexto atual da literatura na Era Digital e o paralelo entre Lucien e os jovens poetas da Internet mostra que os desafios diante das imposições mercadológicas se mantêm até a atualidade, com outro formato e novas especificidades.

Lucien Chardon é um representante do escritor em face do mercado e seus dilemas se encontram em nossa realidade virtual.

III. Ilusões Perdidas: um paralelo

A obra de Honoré de Balzac *Ilusões Perdidas* é uma das maiores obras-primas do escritor francês e retrata com riqueza de detalhes a vida burguesa do século XIX com uma dualidade entre as cenas da vida provinciana e as cenas da vida parisiense. A obra é subdividida em três partes intituladas *Os dois poetas*, *Um grande homem de província em Paris* e *Os sofrimentos do inventor* e tem como tema principal a saga de Lucien Chardon em busca da consagração literária. Entretanto, tal consagração transcende os limites do sucesso na literatura e compreende também a aquisição de status na alta sociedade francesa e, a partir disso, Lucien adentra no mundo inescrupuloso do jornalismo em detrimento dos genuínos ideais de sua família provinciana e de seu primeiro grupo de amigos em Paris. Os dilemas do personagem e sua entrada na atmosfera jornalística retratam sua submissão completa ao sistema mercadológico proposto por tal atmosfera. Desde o início da obra, esses traços são contrapostos à integridade dos familiares, porém nenhum dos personagens adquire uma representação unilateral; cada ser retratado possui uma complexidade própria, o que aproxima ainda mais a obra da realidade, possibilitando a riqueza de paralelos e a observação da genialidade do autor, que cria o contraste entre o homem burguês e o capital.

Criou nessa obra aquele novo tipo de romance que exerceu decisiva influência na evolução literária de todo o século XIX: o romance da vida, necessariamente criado pelo homem da sociedade burguesa, desaba miseravelmente ao chocar-se com a brutal prepotência da vida capitalista. (LUKÁCS, 1935, p.95)

Tal brutal prepotência refletida pelo meio capitalista é o ambiente no qual Lucien adentra em busca de conquistar o sucesso literário. Ele abandona o mundo provinciano e viaja para Paris ao lado de sua amante, a senhora de Bargeton, em uma relação de duplo interesse e jogo de vaidade. Ao chegar no centro da burguesia francesa, a amante o renega com o objetivo de galgar os passos aristocráticos que ainda lhe são decadentes. Lucien se vê perdido e todos seus meios financeiros se esvaem. Em uma vida de poucos recursos, ele conhece os integrantes do Cenáculo. Tais personagens possuem alto nível de integridade intelectual e humana, semelhante ao caráter da família de Lucien.

Naquela fria mansarda se realizaram, pois, os mais belos sonhos dos sentimentos. Ali, irmãos igualmente competentes e, distintos ramos da ciência se iluminavam uns aos outros com boa-fé, dizendo-se tudo, mesmo os maus pensamentos, todos imensamente instruídos e provados no crisol da miséria (...) No deserto de Paris, Lucien encontrou, portanto, um oásis na rua des Quatre-Vents. (BALZAC, 2016, p. 254)

O *oásis na rua des Quatre-Vents* e a competência e boa-fé de seus integrantes podem ser comparados com o ambiente fértil da literatura na Internet. Em um meio social que sempre fora marcado por impossibilidades e pela necessidade de pertencimento a uma determinada classe para o conhecimento, a Internet surge inicialmente como um ambiente de criação libertador das amarras da burocracia das elites para a produção poética. O meio dá origem a diversos escritores que anteriormente eram impossibilitados de divulgar suas produções e a efervescência artística passa a unir personalidades que nunca teriam a oportunidade de manter contato e de trocar experiências. A teórica e jornalista Cristiane Costa aponta tal fato em seu artigo *As novas funções do autor na era digital* (2014)

Produzir um livro vem se tornando algo cada vez mais simples e o autor tem autonomia para se encarregar ele mesmo de etapas como edição, distribuição e marketing, graças a plataformas amigáveis de autopublicação de livros impressos ou e-books. Com isso, abrem-se novas perspectivas a escritores que estiveram à margem do mercado editorial. (COSTA, 2014, p.178)

De certo modo, a Internet abrigou e ainda abriga a arte como um espaço que tem em seu cerne o sentido da liberdade e é esse elemento que carrega seus integrantes para si, pois ele contrasta com as impossibilidades burocráticas de divulgação tradicional, criando assim a ideia de um oásis artístico e libertador.

Entretanto, apesar de apresentar tal caráter libertador, a Internet é, assim como a vida social, sujeita às imposições mercadológicas, a um sistema opressor de transformação de produção artística em mercadoria sem a percepção do próprio artista, que se adentra na realidade multifacetada do meio e procura atingir a maior quantidade de pessoas com seu material, e para isso, tem de submetê-lo ao status de mercadoria e ao jogo de interesse das elites. É o que acontece com Lucien, que em sua constante busca pela ascensão de sua obra, e conseqüentemente de si mesmo na escala social, abandona o oásis cultural e artístico promovido pelo Cenáculo e se embrenha na vida jornalística, uma vida marcada por luxos e falta de escrúpulos entre seus personagens.

Vale ressaltar que tal falta de escrúpulos não é somente uma característica singular da construção do caráter, mas um reflexo da dominação mercadológica sob as produções dos jornais, apresentada a partir de um jogo de interesses no qual a legitimidade do conteúdo produzido é relegada a segundo plano. E Lucien também não se coloca apenas como um ente cuja vaidade pessoal é a única causadora dos acontecimentos na história. Ele, assim como os jornalistas, reflete um composto singular e pessoal e, concomitantemente, universal e plural.

Balzac não tempera seus heróis com salsas morais; ele nos apresenta uma dialética objetiva da sua ascensão e do seu colapso, ressaltando um e outro na totalidade de seu caráter, nas relações recíprocas entre essa totalidade e a totalidade das circunstâncias objetivas, e não no terreno de uma avaliação isolada das suas 'boas' ou 'más' qualidades. (LUKÁCS, 1935, p.101)

Lucien inicialmente ainda tem o poder crítico e a consciência acerca do caminho ao qual perseguia ao adentrar no meio jornalístico. Tal consciência se reflete na percepção de que todas as relações profissionais e sociais eram mediadas pelo dinheiro e em tal momento nasce sua melancolia em relação ao Cenáculo. O jovem reflete ao relembrar seus momentos de simplicidade na convivência com os antigos amigos, a qual não se baseava no “jogo das engrenagens da vida parisiense” (Balzac, 2016, p.334), e faz um julgamento diante das atitudes jornalísticas, porém adentra no meio e submete seu talento literário ao jugo da capitalização.

O personagem, desta forma, retrata um movimento proposto pelo sistema capitalista quando se insere no ambiente literário: a transformação da literatura em mercadoria. Tal submissão é refletida no livro a partir do relacionamento do caráter e dos dilemas pessoais de Lucien com um movimento universal, que perpassa a camada artística na vida social. E é a harmonia entre destino pessoal do personagem e retrato dos problemas da sociedade burguesa que retira da obra balzaquiana um propósito apenas de confirmação de uma tese, pois o elemento humano de Lucien sempre entra em jogo com as condições nas quais ele se envolve, “cada engrenagem do ‘mecanismo’ da ação balzaquiana é um personagem, uma figura humana completa e ativa, com seus interesses específicos, com as suas paixões, suas tragédias e comédias” (Lukács, 1935, p. 102).

Tal composição da obra é também o que possibilita o paralelo não somente com o movimento literário na Internet, mas também com as personalidades singulares que habitam nela. Cada poeta nascido do meio digital possui uma história íntima e pessoal e

encontra na literatura um caminho de expressão. É crucial observar o movimento em uma perspectiva dialeticamente singular e universal para que os desejos pessoais humanos não sejam reduzidos a uma constatação de uma tendência, pois é justamente a simplificação de complexas mentes a uma tendência o trabalho dos analistas de mercado. Portanto, a análise crítica deve ter em mente a complexidade do ambiente e dos seres que o envolvem.

Balzac trabalha em Lucien “o tipo do poeta que é a harpa eólica dos vários ventos e das várias tempestades da sociedade, um emaranhado de nervos, efêmero, desorientado, hipersensível” (Lukács, 1935, p.101). O poeta, ao entrar em contato com a frivolidade da capitalização, se sensibiliza e de algum modo isso se reflete em sua obra e em suas ações. Lucien, em seu talento poético e fraquezas do ego, entra no mundo inescrupuloso jornalístico e faz de sua arte uma refém da mercadologização. Entretanto, não somente sua arte se subjuga como também ele próprio, desorientado pelos frutos efêmeros da sua conformação como alpinista social. Sua primeira consciência mergulha em tais frutos e só retorna no início de sua derrocada, a partir das dívidas, da morte de sua recente amante, de um golpe sofrido pelos colegas jornalistas, da perda total da confiança do Cenáculo. Os efeitos da ação do personagem diante do mercado literário o levaram ao fracasso pessoal e à perda da legitimidade de sua obra. Este é o modo como o personagem se apresenta, marcado por contradições que lhe são próprias aliadas ao contexto no qual se insere, e refletindo o poeta burguês balzaquiano.

No contexto dos poetas advindos das mídias sociais, percebe-se, assim como em Lucien, uma hipersensibilidade à frivolidade de uma realidade social marcada pela regulação mercadológica. Entretanto, apesar de na obra de Balzac a hostilidade e as lutas de interesses estarem às claras para o leitor, assim como as fraquezas pessoais do personagem, na vida contemporânea tais reflexos ficam mais ocultos devido à complexidade de elementos que envolvem a realidade vivida. O fator sensível próprio ao senso estético encontrou espaço no meio digital para produção. Esse meio é apresentado com propósitos libertadores das amarras dos contratos de mercado tradicionais que manchavam as criações artísticas. Entretanto, a busca pela liberdade de expressão vai ao encontro da transformação de um meio recente em um nicho de mercado.

De certa forma, a sensibilidade diante das contradições sociais presentes tanto em Lucien quanto nos poetas da Internet se encontra com a capitalização do meio. A forma de expressão sensível é diversa nos dois casos devido às particularidades pessoais de cada um e à sua ação diante do cenário, mas o encontro é certo, não somente no campo

literário, mas em todo campo artístico. E a primeira liberdade do meio ganha novas cores, o mercado a falseia em uma nova concepção.

Sua liberdade é aparentemente tão grande quanto a do produtor de mercadorias em geral (sem liberdade, não há mercado). Mas, na realidade, objetivamente, as leis do mercado dominam o artista pela mesma razão porque dominam, em geral, o produtor de mercadorias. (LUKÁCS, 1947, p.273)

A capitalização da literatura se apresenta em *Ilusões Perdidas* a partir da falta de escrúpulos jornalística e da submissão de Lucien à lógica do mercado. Na Internet, tal capitalização se apresenta na transformação do ambiente em um nicho de mercado. Inúmeras páginas de poesia surgem nas redes sociais a cada dia e as que adquirem mais visualizações do público atingem o interesse dos grandes empreendedores e editoras, que passam a determinar aos escritores o que é considerado “vendável”, adequado às demandas de mercado.

Dessa forma, uma nova liberdade se funda, a liberdade de mercado, na qual a expressão sensível do artista se vê submetida a interesses estranhos à arte. Tal capitalização escapa aos olhos dos que nela habitam, seja pelo mascaramento das engrenagens, seja pelo deslumbramento com a ascensão social, o que seria representado pelo poeta Lucien na atualidade, jovem talento que se absorve pela elevação de status. O professor Fábio Malini, em seu estudo *Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos likes e dos RTs dos usuários-fãs da Literatura Brasileira nas redes sociais* (2014), aponta que as redes localizam os autores em um patamar de celebridades virtuais a partir da hipermediatização do produto literário.

Essas metamorfoses trazem novos públicos, novos espaços de circulação da literatura e novos mediadores que transformam a obra literária (de ontem e hoje) de diferentes escritores em discursos hipermediatizados que são espalhados pela internet, fazendo de alguns deles celebridades da web. (MALINI, 2014, p. 205)

Tal hipermediatização é um processo crescente que reflete a contradição do início do cenário virtual com a conjuntura atual. O ambiente revelador da poesia na era digital tem suas raízes em uma busca pela liberdade de expressão de um conjunto de artistas hipersensíveis diante da complexidade da vida social e impossibilitados de produzir no mercado tradicional literário. Entretanto, o encontro de tal ambiente com a lógica mercadológica instaura a decadência do meio, replasmando a decadência ideológica

burguesa no cenário da Internet. Portanto, o cenário da vida social se reflete na produção digital e a literatura se vê diante das imposições mercadológicas, assim como no contexto vivenciado por Lucien. A capitalização da literatura ganha novas cores, mas ainda está presente, assumindo o contexto da atualidade e modificando o conceito de liberdade buscado pelos escritores digitais.

Entretanto, apesar de tal capitalização ser evidente, é preciso observar que a transformação do ambiente digital em um processo de indissociabilidade com o mercado não deve mumificar todas as obras produzidas sob tal contexto, pois caracterizar a decadência como única influenciadora da criação artística é ter um posicionamento fatalista diante da realidade social e retirar do homem o principal agente movimentador do mundo que o rodeia. E assim como a submissão completa instala a cegueira diante das imposições mercadológicas, o fatalismo também inaugura a cegueira da inatividade, da resignação e, de certo modo, a mesma passividade diante do sistema.

A capitalização da literatura na Era Digital é um subprocesso de um sistema que atinge as produções artísticas em geral desde que o relacionamento entre arte e mercado foi instaurado. E esse sistema, apesar de englobar as esferas da expressão, transcende na arte realista, na qual o elemento humano toma centralidade e as imposições mercadológicas são ultrapassadas para a construção de um mundo interno que reflita a dialética da vida. A obra *Ilusões Perdidas* é um exemplo de reflexo próprio das contradições do contexto literário perpassado na pele de Lucien Chardon, um reflexo que supera a decadência colocada pelo sistema capitalista. Portanto, a literatura advinda da Internet, assim como as outras manifestações artísticas que vivenciam o contato com o mercado, pode ultrapassar as barreiras da capitalização do meio e criar uma obra que transmita a complexidade da vida social.

Não depende dos artistas que haja ou não haja crise no mundo. Mas depende deles saber utilizar essa crise de maneira fecunda para eles mesmos e para a arte. Depende dos artistas mostrar quanto de liberdade eles são capazes de encontrar na inelutável necessidade e em que medida são capazes de utilizá-la livremente e de modo fecundo para eles mesmos e para a arte. (Lukács, 1947, p.285)

IV. Considerações Finais

Analisar o cenário atual da literatura nos meios digitais sem recair para um posicionamento idealista ou fatalista é uma atividade que demanda uma reflexão profunda não somente das manifestações artísticas e sua relação com o mercado como também da

transformação do homem pela sociedade e vice-versa. Deve-se sempre colocar a ação humana como centro, tanto como influenciada pelo sistema quanto como influenciadora de tal sistema. Dessa forma abrem-se caminhos para que a literatura ultrapasse o jugo da capitalização.

Observamos a partir deste trabalho que a Era Digital, apesar de ter nascido com propósitos libertadores, não escapa do sistema capitalista e da mercadologização da produção nas redes. Entretanto, a literatura pode emergir de tal submissão mesmo estando inserida numa realidade cada vez mais estrita e alienada, pois a superação da decadência é potencialidade de uma arte transformadora. É preciso nos adentrarmos nas produções atuais para percebermos tais potencialidades e tal profundidade, que não cabe ao início de pesquisa proposto por este trabalho, será abordada em análises posteriores de maior fôlego. Para isso é necessário um posicionamento consciente da capitalização do meio digital sem retirar dele a centelha de mudança, própria do ser humano.

Ilusões Perdidas é uma obra que pode estabelecer uma riqueza de paralelos com o cenário atual e que nos deu clareza quanto às relações entre a arte e as camadas ocultas do mercado, que ficam visíveis ao acompanharmos a trajetória do jovem poeta Lucien Chardon. No que tange à poesia na Internet, surge outra evidência: não há ilusões perdidas quando o homem dá centralidade a sua própria ação e às potencialidades de mudança diante dela. A decadência está presente, mas a centralidade da ação humana é o que possibilita a sua superação.

V. Referências

BALZAC, Honoré. **Ilusões Perdidas**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

COSTA, Cristiane. As novas funções do autor na era digital. In: **Observatório Itaú Cultural**. Disponível em :

<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wpcontent/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf> Acesso em 2 de julho de 2018.

LUKÁCS, György. Arte livre ou arte dirigida? In: **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 267-286

LUKÁCS, György. Balzac: Les Illusions Perdues. In: **Ensaio sobre literatura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968. P. 95-113.

LUKÁCS, György. Marx e o problema da decadência ideológica. In: **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 51-103.

MALINI, Fábio. Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos likes e dos RTs dos usuários-fãs da Literatura Brasileira nas redes sociais. In: **Observatório Itaú Cultural**.

Disponível em :

<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wpcontent/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf> Acesso em 2 de julho de 2018.